

• Uma Aventura no Egito •

E lá estava eu a preparar a minha bagagem quando tocaram à campainha.

- Já vou! – gritei eu ao mesmo tempo que corria pelas escadas íngremes da minha casa – Olá!

- Então, Júlia? Estás pronta? Estão todos à tua espera!

- Ainda é ce... Oh, não! Esqueci-me que o meu relógio tem as horas atrasadas! Vou só lá acima acabar de fazer a mala. Espera um segundo, Rodi!

- És sempre a mesma “coisa”, Ju. Despacha-te lá.

Subi as escadas, atirei o resto da roupa para dentro da mala e sentei-me em cima dela para a conseguir fechar (você sabem, como nos filmes). Não sei porquê mas senti que faltava algo. Pensei um pouco e... COMO É QUE FOI POSSÍVEL TER-ME ESQUECIDO? Eu e o meu grupo de amigos sempre fomos uns aventureiros e, é claro, temos que andar sempre com um estojo cheio de objetos essenciais para as nossas aventuras. Nem confirmei se estava lá tudo, peguei no estojo e levei-o debaixo do braço, enquanto levava a mala de viagem a saltar à medida que as suas rodas passavam pelo chão de madeira.

- Cheguei!

- Finalmente, Júlia! – cumprimentaram-me todos em coro.

- Estão todos prontos? Tenho que vos ir pôr ao aeroporto agora e é se não querem perder o avião. – anunciou o pai da Mafalda.

- Acho que sim, pai. Certo, Ju?

- Agora sim, acabei de pôr a mala dela no porta-bagagens. – disse o Miguel, o mais cavalheiro do grupo.

- O Egito espera por nós! – gritei cheia de entusiasmo.

Depois de uma longa viagem, chegámos ao nosso destino: o Egito. Quando saímos do aeroporto, entrámos num táxi que nos levou diretamente ao nosso hotel. Juro que nunca vi nada tão imponente como aquele país, aqueles monumentos, aquelas pessoas simpáticas... Bem, mas o melhor ainda estava para ver!

- Onde vamos agora? – perguntou o Rodrigo.

- Tu és o mais esperto, tu é que tens de saber essas coisas. – respondeu o Miguel com ar de gozo.

- Olha quem fala.

- Não comecem, rapazes, acabámos de chegar. Acho que agora vamos fazer a viagem nos camelos.

- Pois é, Mafalda. Ao contrário de vocês, eu aponte numa folha os locais que íamos visitar por ordem!

- Muito bem, Ju. Quando queres, consegues ser mais organizada do que distraída.

- Pois, pois. Que piada, Mafalda! Mas vá, vamos andando.

Depois de cada um ter contactado os seus pais a informar de que tínhamos chegado em segurança, começámos a caminhar para a Casa dos Camelos. Era lá que se encontrava o tutor que nos ia ensinar a montar nos camelos pelo deserto do Saara. Pelo menos era o que nós pensávamos...

- Boa tarde. Por acaso não é o senhor Ramiro? – perguntou o Rodrigo num tom simpático.

- Olá, meninos! Sim, sou. Deixem-me adivinhar. Vocês são os quatro aventureiros que estavam prontos para montar num camelo!

- Estávamos e estamos, ou há algum problema?

- Na verdade, até há... Peço-vos desculpa, mas ontem houve um grande problema. Os camelos desapareceram! Eu acho que os roubaram, pois já não é a primeira vez que isto acontece...

- Que pena! Isso quer dizer que não vamos poder andar nos camelos hoje.

- Pois... mais uma vez peço-vos desculpa. Podem voltar aqui noutro dia, estarei sempre à vossa disposição!

- Obrigada, Sr. Ramiro. – agradeceu a Mafalda um pouco dececionada – Pode ter a certeza que voltamos!

Entretanto, saímos da Casa dos Camelos e fui consultar a folha em que tinha escrito o plano da viagem. Após fazermos a viagem nos camelos (que tinha sido adiada), íamos ao museu das Artes Egípcias. Procurámo-lo no mapa e apanhámos um autocarro que ia até ao museu.

Enquanto estávamos no autocarro, começámos a ouvir a conversa de uns indivíduos com ar um pouco suspeito.

- Então, *ele* já te pagou o que devia? – perguntou um dos homens estranhos ao outro.

- Como é que eu hei de dizer... Pagou e não pagou.

- Como assim?

- Nem vais imaginar, ele pagou-me com camelos.

- O quê?? E tu aceitaste?

- Ele ligou-me a dizer para os ir buscar às traseiras do museu egípcio, ou lá o que é.

- Museu de Arte Egípcia.

- Ou isso. Depois vou vendê-los.

- Sim, senhor. Andas muito esperto!

- Eu sou esperto. – disse o suspeito friamente.

- Está bem, está bem.

Eu, a Mafalda, o Rodrigo e o Miguel trocávamos olhares como de quem quer falar, mas que, naquele momento, tinha de estar calado. Como se alguém estivesse a dar-te um belo raspanete e, por mais que quisesses, não podias dizer uma única palavra, pois ainda irias fazer pior.

Fez-se um longo e assustador silêncio no autocarro até que o motorista travou muito repentinamente e disse:

- Fim do percurso.

Todas as pessoas que se encontravam no autocarro, abandonaram-no calmamente exceto um dos homens misteriosos. A Mafalda ia começar a correr para a entrada do museu, mas o Miguel impediu-a, agarrando-a por um braço.

- Estás maluca? Não temos tempo para isso agora.

- O que tem? Miguel, larga-me!

- Não ouviste a conversa daqueles homens? Um deles vai agora buscar os camelos roubados e nós vamos impedi-lo!

Enquanto o Miguel e a Mafalda discutiam, eu e o Rodrigo afastamo-nos um pouco deles para tirarmos algumas fotos.

- Ei, Ju. Olha aqui! – chamou-me o Rodrigo – Não é fofo?

- Oh, que cãozinho tão amoroso! Não tem coleira, vamos levá-lo. – disse eu ao mesmo tempo que o cão me lambia a cara.

- Já te disse para me largares, quero entrar no mu... Ah! Joana, que cãozinho adorável!

- É, não é? Encontrámo-lo ali durante a vossa discussão. Vai-se chamar... Sammy! – afirmou o Rodrigo.

- Pois, mas vá. Agora vamos ao museu! Pode ser que também deixem entrar o Sammy.

- Eu concordo com o Miguel e acho que devíamos tentar saber mais alguma coisa sobre aqueles homens.

- Também acho, Rodi. – reforcei eu a ideia do Rodrigo.

- Vês, Mafalda? Eles os dois concordam comigo! Vamos lá, não podemos perder mais tempo!

Fomos a correr até às traseiras do museu, o local onde estaria o homem misterioso naquela altura. Quando lá chegámos, o indivíduo tinha acabado de entrar num camião que pertencia ao museu e, por mais incrível que pareça, ninguém, para além de nós, deu por isso! É óbvio que os camelos iam lá dentro. Voltámos para a entrada do Museu de Arte Egípcia, ou seja, onde tínhamos saído do autocarro e nem pensámos duas vezes. Logo que vimos um táxi, abrimos as portas e sentámo-nos. O Sammy, a nossa mascote, também vinha connosco.

- Siga aquele camião! – ordenou o Rodrigo.

Rapidamente, o motorista avançou e, num fio de voz, o Rodrigo disse-me ao ouvido:

- Sempre sonhei dizer isto – e seguiu-se uma breve risada.

Quando, por fim, o camião parou, o motorista do nosso táxi travou. Eu perguntei-lhe em que local estávamos e ele disse que nos encontrávamos nas pirâmides de Gizé. Nem eu nem o meu grupo de amigos nos preocupámos; aquelas pirâmides não eram assim tão longe do nosso hotel. Pagámos a meias, ao dono do táxi, o dinheiro da viagem e dirigimo-nos com cautela para o camião, pois não queríamos que o estranho homem nos visse.

Como um dos meus sonhos sempre fora conhecer as pirâmides de Gizé, até me esqueci da minha missão e comecei a tirar fotografias. Nós não estávamos muito longe do homem e isso bastou para ele, com o som do *flash* da minha câmara, avistar-nos. A princípio, o senhor não se importou e continuou a conduzir os camelos para fora do camião, porém, apercebeu-se

de que as nossas caras não lhe eram estranhas e ficou com um olho no burro e outro no cigano. Passados uns minutos, ele apercebeu-se de que nós continuávamos a vigiá-lo e foi aí que ele começou a caminhar na nossa direção. Tentámos disfarçar o erro cometido começando a falar uns com os outros mas, o indivíduo, continuou a aproximar-se cada vez mais rápido.

Não valeu a pena disfarçar, ainda fizemos pior. O homem chegou perto de nós, puxou do seu bolso por uma pequena (mas muito bem afiada) navalha, agarrou a Mafalda por trás e apontou a navalha para o pescoço dela, ameaçando-nos! É claro que estávamos todos em pânico e sem saber como agir. O homem continuava a ameaçá-la, os rapazes diziam para ele largar, a Mafalda gritava por socorro, o Sammy ladrava que se fartava e... foi aí que eu voltei atrás e pensei: "O Sammy!".

- Ataca! – ordenei eu gritando para o cão que tínhamos encontrado um pouco antes deste acontecimento.

Eu tinha tantas esperanças de que ele comesse a correr em direção ao homem e nos salvasse daquela situação e, não é que foi mesmo isso que aconteceu?! O Sammy deu um grande salto e mordeu a mão do homem em que ele pegava na navalha e, assim, ele deixou-a cair no chão.

Começámos a correr com todas as nossas forças em direção ao Cairo, ou melhor, à Casa dos Camelos. Quando lá chegámos, contámos tudo o que tínhamos ouvido e presenciado ao dono dos camelos roubados, o Sr. Ramiro. Ele ficou estupefacto com a nossa história e ligou imediatamente aos guardas da Polícia local. Entretanto, os polícias foram ter connosco e ajudámos a descrever os dois homens estranhos e perigosos que tínhamos visto.

Nos dias seguintes, os polícias encontraram os três indivíduos (o terceiro era o que tinha roubado os camelos para pagar as dívidas ao homem que atacou a Mafalda) e recuperaram todos os camelos roubados. Já há alguns anos que esses homens eram procurados pela polícia e nós ajudámos nas buscas! Nem consigo explicar o quão orgulhosa estava do nosso grupo! Ah! E eles foram presos.

O Sr. Ramiro ofereceu-nos uma viagem de camelo grátis e, juro, nunca me diverti tanto na vida! A Mafalda, o Rodrigo e o Miguel acharam o mesmo.

Os guardas elogiaram-nos imenso pela nossa coragem mas também nos deram um belo sermão, pois podíamos ter-nos metido em grandes sarilhos, mas não foram só eles! Os nossos pais também nos alertaram por termos feito com que eles ficassem muito preocupados.

Enfim, o que importa é que tudo acabou bem e, todos os anos, recordamos esta história com muita diversão enquanto o Sammy nos lambe os narizes.

Inês Cordeiro, 8ªB